



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

A Importância das Invasões Mongóis ao Japão do Séc. XIII Na Construção do Guerreiro Samurai

Douglas Magalhães Almeida¹

A guerra é um fenômeno humano extremamente importante para a compreensão das sociedades e suas mentalidades, mas ainda é bastante visto como uma parte mais política e pragmática das ciências humanas. O estudo de povos que travam batalhas entre si pode enriquecer debates sobre desde violência e diplomacia até sobre tradições culturais e alteridades, sendo por meio desta última linha que nos apropriamos do Japão no século XIII, durante o evento das invasões mongóis para trabalhar um caso que demonstra a aplicação da teoria de John Keegan em relação a guerra como um fenômeno cultural humano.

Pautado no documento *Môkô Shûrai Ekotoba*, o pergaminho de guerra ilustrado (*Emaki*) de *Takezaki Suenaga*, a pesquisa irá identificar como o conflito de alteridades pode influenciar em outras características culturais, por exemplo a mudança de valores, tradições e pensamentos, usando das ilustrações para apontar como o estilo de combate samurai mudou consideravelmente após as duas invasões mongóis lideradas por Kublai Khan no século XIII d.C. que foram combatidas na Baía de Hakata, parte da ilha de Kyushu ao sul do arquipélago japonês, influenciando na desestruturação sócio-política que resultou séculos depois no período do Sengoku Jidai, a Era dos Estados em Guerra.

INTRODUÇÃO ÀS INVASÕES:

A BATALHA DE BUN-EI E A BATALHA DE KÔAN

Aproximadamente em 1167,² nascera aquele que marcou todo o séc. XIII no Extremo Oriente e Oriente Médio, seu nome era *Temudjin*, um mongol que modificou

* Graduando em História na Universidade Federal Fluminense desde 2008, membro vinculado ao **Grupo de Estudos de História Militar** e **Grupo de Estudos sobre História do Japão Antigo** do **Centro de Estudos Interdisciplinares sobre Antiguidade** da **Universidade Federal Fluminense** (GEHJA; GEHM – CEIA/UFF) . Contato: ryu_historia@hotmail.com

² Data considerada oficial pelo governo da Mongólia.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

toda a história das estepes, unificando as tribos nômades daquela região gelada e criando um poderoso, vasto e diversificado exército que em 1215 conquistou a cidade de Pequim, assim iniciando um grande império. Hoje ele é mais conhecido por seu título de mérito conquistado após as inúmeras vitórias, *Ghengis Khan*.

Desta maneira começou o grande império mongol fundador da *Dinastia Yuan* na China que durou mais de cem anos, até a ascensão da *Dinastia Ming* em 1368. Não cabe a este trabalho narrar todas as conquistas do império, nem mesmo as intrigas cortesãs de direito ao trono que se prosseguiram após a morte de *Ghengis Khan*, nos cabe apenas conceber que desde a chegada do “Grande Khan” na China houve uma intenção ininterrupta de expansão, de maneira que em um primeiro momento se destruía e saqueava toda terra conquistada, estilo de investida que viria a mudar com seus descendentes futuros no poder, submetendo diversas regiões a vassalagem de onde o Império adquiria seus tributos e novos combatentes para o exército. A extensão alcançou proporções colossais, indo desde a península coreana até regiões acima e abaixo nas margens do Mar Negro, quase às portas de Constantinopla. Isto se torna um fato de grande interesse quando percebemos que um exército tão grande e bem disciplinado capaz de conquistar tantas terras, não conseguiu ser bem sucedido em dois lugares de extensão tão pequena e que não estavam tão bem estruturados: O Vietnã, com as invasões que foram de 1257 até 1288; e o Japão com as duas investidas, conhecidas como a *Batalha de Bun-ei* (em 1274) e a *Batalha de Kôan* (em 1281).

O contexto abordado neste trabalho é durante o *império Yuan* sob o regimento de *Khublai Khan* (1215-1294), neto de *Ghengis Khan*, que assumiu o trono após tomá-lo em uma guerra contra seu irmão mais novo. Esta figura é importantíssima para a história chinesa, pois apesar dele mesmo considerar seu avô fundador da *Dinastia Yuan*, os historiadores consideram que foram seus feitos que realmente legitimou esta nova era. Não por menos, *Kublai Khan* foi quem em 1279 finalmente unificou todo território chinês que ainda possuía outras dinastias coexistindo, como a *Dinastia Song*.

Denota-se que *Khublai Khan* não fora mais “um governante mongol”, pois realizara feitos únicos: instaurou o *Chao* (1º moeda-papel predominante e circulante) para solucionar problemas econômicos, tolerou as expressões artísticas e outras crenças religiosas, promoveu o crescimento da economia reconstruindo o *Grande Canal*,



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

estendeu as rotas, e foi visitado por *Nicolau Pólo* e *Maffeo Pólo* cerca de 1266, e posteriormente por *Marco Polo* em 1270.³ A imagem do mongol bruto, destrutivo, nômade, inculto, bárbaro e indisciplinado havia dado lugar a um imperador civilizado, educado e líder de um exército que espalhara sua fama por muitas terras. É perceptível que seu poder foi maior na China e regiões mais próximas, perdendo a influência com territórios conquistados a maior distância, ainda assim o *Khan* continuou com suas conquistas, subjugando à vassalagem regiões como a própria Coréia. Em seus planos incluía anexar ao império o próprio Japão.

O arquipélago nipônico se encontrava sob a regência *Shikken* de *Hojô Tokimune*,⁴ o qual recebeu as quatro missões diplomáticas enviadas por *Khublai Khan* em 1266, 1268, 1271 e 1274, levando embaixadores com cartas do próprio imperador – a primeira, aliás, podendo ser encontrada hoje em dia no museu do templo *Todai-Ji*, em *Nara* – que diplomaticamente solicitavam ao Japão que o mesmo se rendesse e aceitassem a vassalagem tributária ao *Império Yuan* em troca de proteção e evitar que ambos os lados recorressem às armas, o que não se fazia primeira opção a *Khublai Khan* conforme a primeira carta. A resposta foi negativa de *Tokimune Hôjô*, que primeiro ordenou o regresso imediato da embaixada na primeira tentativa, a partir da segunda já não permitindo que desembarcassem, e na última chegando a decapitar os embaixadores em resposta.⁵

Sem mais demora, e diante de tantas gafes diplomáticas, os generais de *Khublai Khan*, apoiados pelos coreanos vassalados, organizaram uma grande frota que partiria para o arquipélago. A forma de ataque e toda logística de guerra mostra que não foi uma *invasão de ocupação*, e sim uma *invasão de amedrontamento*, a intenção era apenas

³ Fairbank, J. King. *China: uma nova história*, 125-128. Para maiores informações acerca de *Khublai Khan* e seu governo imperial.

⁴ *Shikken* é a denominação dado à regência de um *Shogun*, que é diferente da regência do imperador denominada ou *Sesshō* ou *Kanpaku*. Devemos recordar que o Imperador *Tennō* perdeu completamente seu poder administrativo nos termos do séc. XII com a ascensão do shogunato *Minamoto* que durou até 1219, momento em que o controle do Japão passa para as mãos dos *Shikken Hôjô*, ainda que até 1333 ainda haja outros clãs ligados aos *Minamoto* ocupando o cargo – agora fictício – de *Shogun*.

⁵ Rey, Mario D. *Armadura Japoneses: cultura e história do Japão*, 136.



*Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas*
ISBN 978-85-65957-03-8

demonstrar seu poderio ao Japão que reconhecendo a força da *Dinastia Yuan*, possivelmente se entregaria.

O primeiro ataque foi em novembro de 1274 (11º ano da Era Bun-ei) e se iniciou nas ilhas defendidas pelo governador *So Sukekuni* que fazem parte de *Tsushima* entre a Coréia e a ilha sul japonesa *Kyushu*.⁶

As ilhas eram uma conexão vital nas rotas de comércio entre Coréia e o Japão, e moradia de muitos civis japoneses incluindo famílias de samurais; apesar disso, os defensores haviam feito poucos preparativos para sua defesa.

Os mongóis desembarcaram e aniquilaram seus defensores. De acordo com relatórios japoneses, os invasores cometeram terríveis atrocidades aos civis. A maioria das mulheres foi levada para os navios, com exceção das mulheres da mansão do governador, que tiraram suas próprias vidas antes que o inimigo invadissem sua residência.

(Cook, Theodore F; 1999)

A armada mongol chega em 18 de novembro de 1274 na *baía de Hakata* (um famoso porto histórico), província de *Fukuoka*, na ilha de *Kyushu*, e é dado início ao conflito conhecido como a *Batalha de Bun-ei*. Este combate tem uma importância imediata de tamanho considerável, pois há cerca de seis séculos o Japão nunca mais enfrentou um combatente estrangeiro, se voltando apenas para intrigas e guerras travadas dentro de seu próprio território. Antes eles enfrentaram até 663 as forças coreanas dos reinados de *Koguryo* e *Silla*, quando não as próprias *Dinastias Chinesas*, como a própria *Tang* no séc. VII, e depois se mantiveram em estilos peculiares próprios de luta, sendo que ainda assim o Japão não estava nenhum pouco preparado para uma guerra de tal grandeza, já que os generais estavam inexperientes no uso de largo corpo de tropas, devido a última grande guerra ter ocorrido cerca de 50 anos antes, contra *Go-Toba* em 1221. A chegada de uma força armada de meios diferentes de encarar a guerra e promovê-la lhes fora um choque capaz de fazê-los repensar seus métodos e cultura, reformulando-a e assim realizando uma revolução militar daquele século em diante.

⁶ Ibidem.



*Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas*
ISBN 978-85-65957-03-8

A batalha até tendia para o lado dos mongóis, entretanto, ao cair da noite a baía foi assolada por um forte temporal que complicou a continuação da guerra, e os mongóis resolveram recuar para a Coreia aonde poderiam reorganizar suas tropas e se reabastecer, o que não contaram foi que a tempestade se tornaria em um violento tufão que teria destruído mais de 200 navios da frota e aproximadamente 13,5 mil soldados.⁷

Após a invasão ter falhado, *Khublai Khan* envolve-se em outras campanhas militares, até que em setembro de 1276 uma nova missão diplomática chega ao Japão com 5 embaixadores. *Tokimune* foi direto mais uma vez, decapitou os cinco em *Kamakura*, o centro administrativo e militar do Japão na época, e os enterrou lá mesmo, existindo até hoje suas covas na cidade. Em 29 de Julho de 1279 mais uma missão diplomática chegou, mas nem lhe foi permitido desembarcar, e esta foi a última antes de um novo ataque.

Khublai Khan ordenou que fosse construída uma frota com cerca de quatro vezes a força da usada na primeira invasão, e isto para ser feito dentro de um ano. Em 1281 a nova invasão chegou ao arquipélago novamente pela *baía de Hakata*. Desta vez os japoneses já estavam bem melhor preparados, além de terem treinado contra as técnicas do inimigo e já terem conhecido os pontos fracos e fortes dos mongóis, ergueram fortificações nas ilhas envolta do cenário da guerra e foram construídas as famosas *Sekirui*, muralhas de pedra em *Hakata* que dificultaria o avanço inimigo em terra. Ainda assim a guerra durou cerca de dois meses, e seu desfecho é objeto de uma polêmica contemporânea na historiografia nipônica. Até então se acreditava que mais uma vez o acaso ficara do lado do arquipélago e novos tufões violentos teriam devastado boa parte da frota, chamados de *Kamikaze*, ou “Ventos Divinos”. Esta versão é contestada no discurso do pesquisador Prof. Thomas D. Conlan em seu livro *In Little Need to Divine Intervention*, onde argumenta que o treinamento militar japonês da primeira para a segunda se aprimorara bastante, permitindo a vitória se unido ao uso das fortificações e muralhas de pedras no litoral em que foram construídas. Conforme ele, a idéia de que foi uma “intervenção divina”, ou de um acaso de fenômeno natural, foi convencionalizada até a atualidade devido a pouco debate e escasso investimento em pesquisa na área das

⁷ *Ibidem*, 137.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

invasões mongóis. O discurso dos *Kamikaze* pareceu bastante atrativo para os dois lados da guerra, os mongóis colocando no acaso a desculpa da derrota de sua frota e os japoneses exaltando sua identidade nacional de povo protegido por entidades divinas daquela terra e com uma reafirmação da própria religião shintoísta.⁸ Entretanto, pesquisas mais focadas vêm apresentando uma nova vertente, onde se detecta raramente a declaração se referindo à providência divina através de tufões quando os documentos analisados se referem a pergaminhos *Gunchujôs* ou *Emakis*, como o de *Takezaki Suenaga*. A referência aos *Kamizake* ou são muito posteriores ao evento ou encontrado geralmente representado na literatura cortesã da época.

Trabalhos como de *Prof. Dr. Kenzo Hayashida* que afirma a hipótese de que a frota mongol enviada para a segunda invasão era bastante precária devido ao pouco espaço de tempo em que foi ordenada a construção, se tornou bastante comum para explicar como os nipônicos possuíam vantagem na guerra. Pautando-nos na tese de mestrado de Randall James Sasaki, “*The Lost Fleet of the Mongol Empire*”, em que estuda achados arqueológicos de navios que naufragaram durante a segunda batalha nas proximidades de *Takashima*, descobrimos que boa parte da esquadra mongol era composta por navios mal construídos, barcos mercantes feitos para navegar nas águas fluviais do *Yangtsé* – e não nos mares revoltosos do Japão e China – quando não tendo a ajuda de navios piratas, os *Wakô*, que se aprimoraram graças a sua introdução na guerra, como afirma os estudos de David Nicolle.

Onde entraria então este ensaio, agora que já abordamos o contexto? É momento de analisarmos quais eram os modelos de combate, identificar a cultura da guerra de ambos os lados e em seguida observar como os conflitos de *Bun-ei* e *Kôan* influenciam na revolução bélica e processo de desestruturação política total do Japão no séc. XV.

O ESTILO DE COMBATE MONGÓL

Uma das indagações mais realizadas no estudo do Império Mongól é como tais bárbaros de condições tão precárias, vivendo nômade e isolados em terras tão afastadas

⁸ Conlan, Thomas D. *In Little Need to Divine Intervention*, 259.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

foram capazes de se expandir com tanta frenesi por um espaço inigualável até então por nenhuma outra força, por mais unida, disciplinada e centralizada que fosse.

John Keegan analisa o estilo de combate destes povos tão diferentes dos exércitos alimentados com excedentes agrícolas, limitados em alcance de manobra pelo ritmo e resistência de uma marcha a pé que não poderiam empreender facilmente campanhas tão amplas de conquista.⁹ Os povos das estepes possuíam uma nova lógica que se mostrou bastante efetiva desde Átila, o Huno, pois combatendo montados podiam ameaçar os povos com uma espécie de *Blitzkrieg* em que lhes permitia mudar facilmente seu centro estratégico de ação, atravessar longas distâncias cavalgando em linha reta e não tinham qualquer intenção de realizar conquistas de ocupação em todo local pelo qual adquiriam a vitória. Bastavam-lhes os despojos de guerra, sem criar laços políticos ou matrimoniais, no máximo aderindo a seu exército os combatentes de povos inimigos ou tomando suas mulheres. Nas palavras de *Ghengis Khan*: “A maior fortuna do homem é perseguir e derrotar seu inimigo, tomar todas suas posses, deixar sua esposa chorando e gemendo, montar seu capão [e] usar os corpos de suas mulheres como camisola e apoio.”¹⁰

Bárbaros, porém, necessitavam de algo a mais do que barbaridades e um modo de combate montado – chamado por *Keegan* como centro da “*revolução da cavalaria*” – para conseguirem superar a Grande Muralha, as Dinastias Chinesas e os impérios islâmicos do oeste. E esta diferença estava na revolução militar promovida por *Ghengis Khan*.

Não que o famoso Khan tenha “*educado*” seu exército o tornando *mais civilizado*, menos *cruel* ou menos *destrutivo*, o que não ocorreu em vista do próprio *Yehlu Chutsai*, o jovem aristocrata do povo *Jurchen* capturado pelos mongóis e feito conselheiro do imperador *Ghengis*, com o qual passou sua vida frustrado tentando incutir ao menos um pouco de *civilidade* mostrando-lhe quão inútil era arrasar as terras e povos conquistados, de onde poderiam adquirir fonte de recursos e tributos. Os resultados somente vieram com o sucessor de *Ghengis*, *Ogedei Khan*, que passou a ouvir melhor

⁹ Keegan, John. *Uma História da Guerra*, 250-251.

¹⁰ P. Ratchnevsky, *Genghis Khan*, Oxford, 1991, p. 155.



*Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8*

os conselhos dados.¹¹ *Ghengis Khan* revolucionou o modo de combate montado nas estepes apenas regulando os saques, as ações que passariam ser crimes dentro de seu exército e impondo uma ordenação de ataque coletivo em que a independência da barbárie se extingue.

Uma das primeiras medidas fora a edição da *Yassa*, o código de leis escritas promovido pelo próprio general que determinava e regulamentava as ações éticas dos mongóis dentre as quais estipulava que o butim deveria ser propriedade coletiva e que era crime capital abandonar um parceiro em batalha, de maneira a estas sanções impedirem o individualismo na intenção do enriquecimento pessoal e impedir a continuação do hábito de fugir diante do perigo. A outra inovação foi a reformulação da estratégia e tática de combate das tropas nômades, observada pelo europeu Joannes *Plano Carpini* (1182 – 1252), que viajou à Ásia em 1245 a mando do Papa *Inocência V*:

Ghengis Khan organizou seu exército da seguinte forma: à frente de dez cavaleiros [arban] colocou um decano [jaghun]; dez decúrias são comandadas por um centurião [migghan]; dez centúrias obedecem a um milenário; dez mil homens, reunidos sob a autoridade de um capitão, formam um corpo designado tjumen. Enfim, no comando do conjunto das tropas estão dois ou três generais, um dos quais tem a precedência. Se durante um combate um, dois, três ou mais homens de uma decúria fogem, todo o grupo é executado; se todos os dez deserdam a centúria à qual pertencem é executada, a menos que todos desertem ao mesmo tempo.

Este sistema decimal tinha um teor democrático, onde cada grupo elegia um superior, até alcançar o nível de 3 *tjumens* divididos em um para ataque frontal e os outros dois para investidas pelos flancos inimigos. Sendo que os *noyon* e *orlok*, respectivamente os comandantes de *tjumens* e *mingghan*, são escolhidos pessoalmente por *Ghengis Khan* através do mérito e lealdade. Entretanto, não terminava por aí, pois o Imperador-General manteve algumas peculiaridades culturais próprias em seus soldados: ainda que a intenção da regulamentação e formação de batalha se voltasse a uma responsabilidade coletiva, eles ainda mantinham parte da disciplina individual. Era claro dentro da noção

¹¹ Barbosa, Elaine Senise. *Gêngis Khan e as conquistas mongóis*, 140. In: Magnoli, Demétrio. *História das Guerras*.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:

Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

de auto-suficiência, onde cada soldado mongol era responsável por levar uma pedra de amolar que mantivesse suas armas afiadas, equipamentos de reparo, cordas sobressalentes para o arco, curativos de emergência, roupas secas para se aquecer no frio (sendo que como era impermeável era usada para atravessar rios como uma bóia) e sempre mantinha ao menos quatro cavalos em suas campanhas para que sua marcha nunca cessasse ou diminuísse pelo cansaço do equino. Aliás, o cavalo mongol é também uma parte importante da composição do exército. Estes viviam em rebanhos de 10 mil ou mais, de onde eram capturados, e mesmo sendo atarracados sua maneabilidade em batalha parecia dobrar os efetivos.

Batu Khan (c. 1207 – 1255), fundador da *Horda Dourada*, penetrou no espaço onde hoje é a Hungria a uma média de cem quilômetros ao dia. Este exemplo reafirma a idéia de que lhes era possível realizar uma espécie de *Blitzkrieg* mesmo com o porte dos cavalos que montavam. Levando outros três cavalos reserva, podiam trocar periodicamente de montaria, comendo na sela ou fazendo uma pausa quando o sustento era escasso, na finalidade de cortar uma veia e beber o sangue de seu animal mais fraco. Entretanto, não achemos que os equinos lhes eram meras ferramentas, pelo contrário, eram bastante valiosos, fosse na guerra ou na “paz.” A exemplo disto temos regras rígidas estabelecidas por *Ghengis Khan*, inclusive a proibição de que a montaria fosse guiada com freio na boca, e o grande número de rituais cerimoniais e folclóricos: os cavalos fracos podiam ser comidos, mas jamais aqueles que tivessem entrado em batalha; os mongóis preservava-lhes o crânio e o couro como *reliquias*, e por certa vez o missionário *Plano Carpini* em seu livro *Ystoria Mongalorum*, um relato de viagem, narra que um grande chefe era geralmente enterrado com uma égua, um garanhão e um potro, para que pudesse ter suas montarias na eternidade.¹²

Os mongóis eram destituídos de infantaria inicialmente, mas nem por isto deixaram de ser uma verdadeira máquina de guerra baseada em uma *cavalaria* hábil. Em mais uma passagem da obra de Plano Carpini identificamos mais características do armamento mongol:

¹² McMullen, I. J; Williams, D. S. M. *História em Revista 1200-1300: conquistas mongólicas*, pag.21.



*Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

Cada combatente está munido de pelo menos dois ou três arcos, ou de um só de excelente qualidade, três grandes aljavas repletas de flechas, de um machado e cordames que servem para puxar os veículos. Os mais ricos estão dotados de [uma espada curta] afivelada na extremidade, cortante de um lado e de forma ligeiramente curva [...]. Os guerreiros têm as pernas cobertas e usam um capacete e uma couraça. Esta, toda de couro, assim como a sela, é fabricada da seguinte maneira: correias de pele de boi ou de outros animais, da largura de uma mão, são unidas em três ou quatro por cordinhas. Os fechos das correias superiores são fixados na borda inferior, enquanto os lacetes das demais correias superiores são ligados pelo meio, e assim por diante, de modo que, quando o guerreiro se inclina, as peças inferiores sobrepõem-se às de cima e assim dobram ou triplicam a proteção do couro sobre o corpo.¹³

Uma das citações mais comuns quanto ao armamento e que não poderia ser negligenciada neste trabalho é sem dúvida o uso do equipamento de uso primário dos mesmos, o arco e flecha mongol. Na verdade eram dois arcos, sendo um mais rígido para tiros a longa distância e ser utilizado no chão, e um mais leve para alvos próximos que permitia ser usado sobre a sela. Estes últimos dotados de dupla curvatura e requerendo uma força de tensão de 80 kg, atingiam entre 200 e 300m, com a disparidade por cerca de doze flechas por minuto.¹⁴ Ainda traziam longas lanças ou laços fixados a uma vara para derrubar adversários montados, e mantinham as montarias protegidas através de couraças na área do peito e flancos.

O recurso da retirada falsa, ou também da permissão de falsa retirada, era bastante comum, atraindo o inimigo para longe de suas bases e, em seguida, investindo com a cavalaria, ou perseguindo os adversários desordenados em fuga e atacando a distância com a artilharia montada massiva. Ludibriar o inimigo era quase sempre a arma fatal usada pelos homens das estepes. Também recorriam a outros artifícios, como o uso de cães e bois, aos quais atavam lanças pelos flancos ou incendiavam os pêlos, enviando-os para as fileiras adversárias, e uso de aves atadas a mechas em chamas que desesperadas a retornar aos seus ninhos acabavam incendiando os telhados das casas da cidade.

¹³ Apud Michel Hông. *Gêngis Khan*, p. 203.

¹⁴ Barbosa, Elaine Senise. *Gêngis Khan e as conquistas mongóis*, 142. In: Magnoli, Demétrio. *História das Guerras*.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

Obviamente não podemos alegar que o estilo de combate mongol se manteve imutável por todo o período. A incursão para o oeste por *Ghengis Khan* e seus descendentes, ou mesmo a conquista de todo território chinês por *Khublai Khan* expôs o modelo de combate mongol a outras culturas bélicas bastante diversificadas que influíram e aprimoraram a *arte da guerra Yuan*. Por volta da metade e fins do séc. XIII o exército mongol irá apresentar a composição de infantaria leve e pesada, como pode ser identificado nas pinturas do *Môko Shûrai Ekotoba*, o pergaminho ilustrado *emakimono* de Takezaki Suenaga – do qual falaremos mais abaixo – assim como o uso da pólvora nas famosas proto-granadas *Tetsuhau* – uma bola feita de cerâmica repleta de pólvora e fragmentos de aço, a qual devia ser lançada por catapultas e explodia queimando e lançando os estilhaços de metal que perfuravam a armadura e carne do oponente. Talvez estas últimas tenham sido uma inovação derivada do contato com os árabes do Oriente Médio, assim como com a *Dinastia Song* ao sul, conquistada por *Khublai Khan*, esta que também fornecera boa parte dos empreendimentos na engenharia de máquinas de guerra.

O ESTILO DE COMBATE JAPONÊS

No estudo acerca da arte de combater nipônica temos um pesquisador de peso, Karl Friday com publicações como o próprio *Samurai, warfare and the state in early medieval Japan* onde encontramos uma caracterização do modo de combater destes soldados desde suas formações no final da *Era Heian* até fins da *Era Muromachi* (1336-1573), quando há a desestruturação total sob a *Guerra de Onin* (1467-1477), atravessando o tempo através da análise de documentos de guerra que permitem construir a mentalidade e ideologia empregadas nos períodos, inclusive a transformação das táticas e armamentos.

Através dele e demais bibliografias usadas neste ensaio podemos traçar algumas pontuações comuns da cultura e regras de combate para os samurais do séc. XII e XIII. As fontes geralmente utilizadas pelos niponólogos para compreensão das duas batalhas desta época podem ser, inicialmente, os *gunchūjō*, ou relatórios de guerra compilados, e os *emakimono* – também chamados apenas como *emaki* –, que eram pergaminhos que



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

narravam histórias em conjunto a pinturas ou estampas que ilustravam o texto. Este último é a principal fonte utilizada neste trabalho, sendo o *Môko Shûrai Ekotoba* (ou “*Relato Ilustrado das Invasões Mongóis*”), que foi encomendado por *Takezaki Suenaga*, um samurai que combateu nas duas batalhas e pretendia recordar através dos mesmos a guerra que se deu na *baía de Hakata*. O autor deste pergaminho dividido em duas partes não é conhecido, e durante diversos séculos o documento foi reparado, havendo alterações através do tempo que dá margem de trabalho a um trabalho exatamente sobre tal desenvolvido pelo prof. Thomas D. Conlan.

A documentação é bastante útil para compreensão não só do evento, quanto ter noções da reconstituição da guerra, armamentos, técnicas e do próprio cenário onde se dá o combate. De tal maneira, podemos analisar com a bibliografia de apoio um bom número de pontuações na guerra, onde identificamos que as práticas diferem em muito o *samurai* do século XIII da figura deste combatente em eras posteriores e do próprio modo de lidar com a guerra. É assistir a guerra se desenrolando em dois campos como fenômenos culturais extremamente distintos.

O Japão na época das invasões estava em um período em que cerca de há seis séculos não se envolvia em combates contra forças exteriores ou mesmo de avanço sobre alguma região além do arquipélago, cessando os conflitos exteriores cerca de 663, quando o exército chinês da *Dinastia Tang* subjuga de vez o reino coreano de *Paekche* – que por muito tempo fora aliado dos *Imperadores Japoneses Yamato*. Logo não houve um isolamento, como poderia se imaginar, e sim um esforço de alianças diplomáticas até o final do século IX quando o embaixador *Sugawara no Michizane (843-903)* encerra qualquer contato com o poder imperial chinês e as relações passam a se dar individualmente através de comércio e não mais embaixadas diplomáticas ou de missões intelectuais. As batalhas e guerras passaram, portanto, a se dar apenas no *âmbito endocêntrico*, em conflitos internos. Podemos perceber, portanto, qual não será o impacto de um fenômeno cultural mongol acostumado em combates com civilizações de cultura bélica diversificada sobre o fenômeno cultural japonês que por séculos realiza embates de forças de cultura bélica compartilhada e com similar essência.

Esta focalização dos conflitos no espaço interno japonês nos permitirá traçar pontuações peculiares comuns na ética de guerra nipônica do século XIII: a mesma



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:

Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

noção de honra e desonra propunha que os horários e cenários das batalhas fossem bem definidos, evitando situações como ataques a noite ou surpresa, a garantia da segurança dos mensageiros que eram enviados entre os campos antes do início das batalhas, o trato para as tropas inimigas capturadas deveria ser honrável e a garantia da segurança dos não-combatentes em campo.¹⁵ Por conseqüência da interiorização dos conflitos, também percebemos que as batalhas se darão com contingentes consideravelmente menores e os próprios generais terão mais experiência na mobilização e liderança de exércitos pequenos, um verdadeiro problema durante a invasão, quando se fez necessário um número bem maior e concentrado de guerreiros para deter o avanço de toda frota mongol.

Vimos que as fileiras mongólicas possuem uma caracterização que busca a ordenação coletiva, todavia, no foco do exército japonês a mentalidade é outra: aqui prevalecem as táticas de combate singular e valores individuais. O *samurai* do século XIII é um guerreiro bastante diferente da imagem tão divulgada na mídia e literatura popular. Neste século o combatente ainda está em construção, sendo que há menos de cinco séculos eram nada mais que meros homens de armas em defesa de territórios dos nobres cortesãos que dominavam o Japão. O *samurai* deste período é um soldado treinado em diversos estilos de combate, conforme o *dôjô* de onde provém, inclusive na técnica de arquearia e etiquetaria. Os grupos guerreiros provinciais (*Bushidan*) treinavam seus membros nos estilos que expressavam como *yumiya toru ni no narai*, os modos dos que usam o arco-e-flecha; *kyuba no michi*, a via do arco e do cavalo. E *mononofu no michi*, a via do soldado, sendo o início do combate baseado na técnica do *Yabusame*, a artilharia montada. Enquanto os mongóis aprenderam com o tempo a aliar a infantaria leve e pesada a sua cavalaria em carga, os japoneses não possuíam uma infantaria leve, apenas a infantaria pesada e a cavalaria. A idéia desta técnica era no início de uma batalha a carga montada, antes de chegar ao atrito, diminuir ao máximo as linhas da frente inimiga, para então partir ao corpo-a-corpo.

¹⁵ Friday, Karl. *Samurai, warfare & the state in early medieval Japan*, 136.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:

Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

O maior exemplo do combate singular japonês, contudo, não se vê exemplificado nesta cultura falta de interesse em uma infantaria leve especializada e coletiva, mas principalmente no cultivo dos valores guerreiros representados por rituais cerimoniais de batalha. O *nanori*, “anúncio do nome”, talvez seja o melhor para denotar o individualismo empregado nestes grandes combates. Este ritual se baseava no anúncio do próprio nome e de seu clã para que seus adversários escolhessem desafiá-lo pelas virtudes que seu brado remetia. Em lendas e histórias mais fantasiosas, como os *monogatari* (livros de contos japoneses), era comum que o *nanori* fosse representado como um grande discurso, o que seria bem inconveniente de ocorrer em batalha, por isto pesquisadores como *Karl Friday* defendem que o brado incluía apenas o nome próprio e do clã antes de investirem contra o inimigo. Há uma passagem que demonstra o impacto causado quando os japoneses se deparam com a cultura mongol coletiva: “*Bradando nossos nomes de um para outro, como no estilo de combate japonês, nós esperávamos a fama ou infâmia ser encontrada nos enfrentamentos contra indivíduos; mas nesta batalha, os oponentes se uniram como UM.*”¹⁶

Não só de declaração das virtudes e combate singular se fazia esta mentalidade de valorização individual. Um segundo costume também representa muito bem esta busca virtuosa de honra e glória, e se chama *Buntori*, a *Caça de Cabeças*. Não bastava apenas enfrentar um inimigo de um clã glorioso, também deveria cortar e portar a cabeça daquele que derrotara. Este costume não só teria intentos de intimidação ao inimigo empalando-as em lanças ou *naginas*, ou de exaltação diante da população pendurando-a em árvores e mastros por áreas coletivas, o *buntori* era uma maneira de informar a seu superior quem derrotara, remetendo às virtudes de tal oponente, e assim qualificar uma boa recompensa e, por vez, até uma promoção. Por exemplo, no *Môko Shûrai ekotoba* de Takezaki Suenaga, o samurai é ilustrado entregando duas cabeças recém capturadas para *Adachi Morimune*.¹⁷ Era encarado como a necessidade de provas tangíveis de serviço militar, de maneira que posteriormente quando Takezaki Suenaga viajou até *Kamakura* a procura de prêmios, ele foi questionado por *Adachi Yasumori* se

¹⁶ “*Hachiman gudôkun*”, p. 406.

¹⁷ Friday, Karl. *Samurai, warfare & the state in early medieval Japan*, 154.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:

Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

havia trazido quaisquer cabeças inimigas ou perdido qualquer dos seus próprios homens, e após admitir que não para as duas indagações *Yasumori* informou-lhe que seu serviço militar ainda assim era insuficiente. Ao contrário de *Kikuchi Jirô*, que adquiriu fama por decapitar várias cabeças durante o combate quanto fosse possível, e por tal foi glorificado levando honra para suas futuras gerações.¹⁸ E o costume do *buntori* é tão antigo e intrínseco ao Japão que permanece até o advento da II Guerra Mundial.

Em última análise da cultura bélica japonesa, discutiremos a questão dos laços de fidelidade. É bastante comum citar sobre o código de conduta samurai consolidado no século XVI-XVII chamado *Bushido*, onde o guerreiro profissional devia seguir princípios de justiça, bravura, benevolência, polidez, verdade, honra e lealdade (*Gi, Yu, Jin, Rei, Makoto, Meyo e Chugi* respectivamente) para manter a reputação de sua honra e tinha como *karma* servir a seu superior mesmo que tivesse de morrer para obedecer suas ordens ou protegê-lo. Todavia, no século XIII este quadro de conduta é um tanto diversificado, de maneira que o samurai não é ainda considerado um “*nascido para servir*”, e sim como um vassalo que serve em troca de benefícios. Este é o sistema de lealdade *hoko-goon* (*serviço-favor*), onde em troca do favor de seu senhor, consistente em parte do butim de guerra ou na confirmação de propriedades, o servo devia prestar serviço militar em caso de guerra e dar apoio econômico em forma de presentes, contribuições ou impostos, e em caso de o senhor não cumprir, o soldado poderia se revoltar ou até procurar outro a qual servir.

CONCLUSÃO: CONFRONTO E SIGNIFICADO

As duas batalhas que comportam o quadro das invasões mongóis traçam diversas perspectivas e objetos de estudos e, como observamos, esta tentativa de invasão por uma possível *guerra de amedrontamento* é muito mais complexa do que apenas um conflito promovido por desentendimentos diplomáticos. Ela permite com que venhamos a perceber um cenário em que a guerra inicia como uma continuação da política por

¹⁸ Conlan, Thomas D. *In Little Need to Divine Intervention*, 260.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

outros meios e se mantém no enredo do enfrentamento de duas culturas consideravelmente diferentes.

Como afirma *John Keegan*, as culturas não se auto sustentam infinitamente, pois possuem fragilidades vulneráveis às influências hostis e, entre estas, a guerra é uma das mais potentes,¹⁹ de maneira que entendida como um fenômeno, inclusive cultural, irá promover novas sínteses de cultura na proporção da divergência dos dois flancos de atrito bélico. Após tal conflito percebemos que o Japão passa talvez não por uma revolução militar, já que seus conceitos e base de formação em campo se mantém similar, e sim uma adaptação tecnológica. O espaço militar japonês compreenderá que mesmo com a manutenção dos valores e tradições de combates que exaltam a virtude singular e individualista, ainda assim se fará necessário maior coletividade e uso de uma infantaria leve que visará focar-se em ataque massivo sobre o oponente. Não só isto, mas a experiência adquirida pelos generais com o manuseio de grandes contingentes em manobras e logística permitirá que os próximos combates incluam o uso de maior número de combatentes não-samurais, como de camponeses e outros recrutados que deverão se enquadrar como *ashigaru*, os “soldados a pé”.

Todo aprimoramento bélico, entretanto, não ocorre ao final das invasões como se fosse um “aprendizado de reflexão pela deficiência apresentada.” Muito pelo contrário, através das duas batalhas é perceptível uma busca de aprimoramento pelos próprios nativos do arquipélago. Um dos exemplos é o financiamento na construção de fortificações nas ilhas próximas a baía e os famosos *sekirui*, muros de pedra em Hakata, uma sacada astuciosa que é encontrada ponderada no discurso de Keegan ao afirmar que a guerra montada podia, em geral, ser detida por um defensor que recorresse a defesas fixas construídas no perímetro do terreno.²⁰ Esta tática surpreendeu os mongóis na segunda invasão – de acordo com o *Hachiman Gudôkun* onde *Yanagida Yoshitaka* explana detalhadamente a utilidade das fortificações – quando perceberam que não poderiam desembarcar facilmente toda frota e investir, encarando primeiro apenas

¹⁹ Keegan, John. *Uma História da Guerra*, 494.

²⁰ *Ibidem*.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:

Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

alguns samurais que se deixaram a frente dos muros por motivo de bravura, ainda que outros se mantiveram entrincheirados nas *sekirui*.²¹ Aliás, o trabalho de Thomas D. Conlan é voltado exatamente a esta temática, ao afirmar que *não havia necessidade de intervenção divina ou meteorológica*, pois em meio a própria guerra das duas batalhas os japoneses se aprimoraram belicamente o suficiente para impedir a invasão, os tufões, nomeados *kamikaze*,²² teriam sido um evento ocasional pontuado nos discursos mongóis apenas como uma perfeita desculpa para justificar sua ineficácia na invasão, e discursado entre os japoneses por apresentar uma reafirmação da força sagrada das forças espirituais das entidades japonesas, os *kami*.

Não podemos cair no discurso equivocado e defasado de que a guerra foi um fenômeno de choque entre culturas aprimorando uma mais primitiva para uma melhor formulada tecnologicamente, como se tendêssemos a uma noção progressista ou linear. Simplesmente o encontro destas duas civilizações promoveu uma reflexão e elaboração de valores, costumes, adaptações táticas e tecnológicas sobre o arquipélago que ilustram muito bem o impacto que a guerra pode dinamizar sobre o conceito cultural de povos. Porém, não só isto podemos extrair deste evento no século XIII, como também compreender como a guerra é capaz de influenciar uma civilização em mais de um parâmetro. Como age sobre a própria construção de valores, ideais e interpretações dos combates, há uma influência identificada até na esfera socioeconômica, pois até o momento o costume era o fornecimento de soldo, título e terras como recompensa aos combatentes empregados nos conflitos. A invasão de um governo exterior era até então uma experiência única aos japoneses, e não tendo terras conquistadas – já que se basearam em uma *guerra defensiva* – que pudessem ser distribuídas e a negligência da corte em reconhecimento de títulos – polemicamente explicada pelas batalhas terem ocorrido distante da capital, em uma realidade no norte da ilha mais ao sul do arquipélago, *kyushu* – ocasionou revoltas de guerreiros e uma tensão maior entre os

²¹ Conlan, Thomas D. *In Little Need to Divine Intervention*, 267.

²² O termo é vulgarmente traduzido como “*Ventos Divinos*”, por se acreditar a partir da lente da religião *Shintoísta* como que se entidades em forma de tufão tivessem vindo para auxiliar o Japão em função das inúmeras preces realizadas. Muitos documentos, entretanto, não citam tal acontecimento – como o *Môko Shûrai Ekotoba* – ou descreve o fenômeno como ventos fortes inesperados.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas
ISBN 978-85-65957-03-8

nobres e os *bushidan*, derivando em uma série de conflitos que irão aos poucos desintegrando o Japão em rivalidades até a chegada do período da total descentralização, no *Sengoku Jidai*, dois séculos depois.

Interessante é perceber como os horizontes podem se expandir com uma abordagem de estudos do próprio oriente, sendo muito comum se estereotipar lembrando do *samurai* do século XVII quando se trata de Japão, ou cavaleiros bárbaros das estepes quando se trata de mongóis nas conquistas de Ghengis Khan, ou de *Sun Tzu* para o *modelo de arte da guerra do extremo oriente*. Este ensaio pretende então trazer à luz um evento pouco discutido e debate-lo analisando como poderia ser empregado também como objeto de análise útil para muitas ideias que se enfadam se debruçando sobre assuntos já tão batidos para a historiografia ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRYANT, Anthony J. *Early Samurai: AD 200 – 1500*. Oxford: Osprey Publishing Ltd, 2001.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

COLLCUT, Martin; JANSEN, Marius; KAMAKURA, Isao. *Grandes Civilizações do passado: Japão*, p.

CONLAN, Thomas D. *In little need of Divine Intervention: Takezaki Suenaga Scrolls of the Mongol Invasions of Japan*. Cornell University Press, 2001.

FAIRBANK, John King. *China: uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FEREJOHN, John A; ROSENBLUTH, Frances McCall. *War and State Building in Medieval Japan*. California: Santford University Press, 2010.



*Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas*
ISBN 978-85-65957-03-8

FRIDAY, Karl. *Samurai, warfare & the state in early medieval Japan*. London: Routledge, 2004.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

KAHN, Paul. *The Secret History of the Mongols: The Origino f Chingis Khan*. Boston: Cheng & Tsui Company, 1998.

HALL, John W. *Cambridge History of Japan: vol. 3*, 2008, p. 699.

HOWARD, Michael. *Use and Abuse of Military History*. In: *The Army Doctrine and Training Bulletin*, Vol. 06, Nº 02, Kingston: Canadian Army Journal, 2003.

ISHII, Susumu. "The Decline of the Kamakura Bakufu." In *The Cambridge History of Japan*, vol. 3, ed. Kozo Yamamura, 46-88. Cambridge: Cambridge University Press, 1990

MAGNOLI, Demétrio. *História da Guerra*. São Paulo: Contexto, 2008.

MASS, Jeffrey P. "The Kamakura Bakufu." In *The Cambridge History of Japan*, vol. 3, ed. Kozo Yamamura, 46-88. Cambridge: Cambridge University Press, 1990

_____. *Lordship and Inheritance in Early Medieval Japan: A Study of the Kamakura Soryô System*. Stanford: Stanford University Press, 1979.

_____. *The Kamakura Bakufu*. Stanford: Stanford University Press, 1976.

MAY, Timothy. *The Mongol Art of War: Chingis Khan and the Mongol Military System*. Yardley: Westholme Publishing, 2007.



*Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:
Saberes e práticas científicas*
ISBN 978-85-65957-03-8

MCMULLEN, I. J; Williams, D. S. M. *História em Revista 1200-1300: conquistas mongólicas*. Rio de Janeiro: Editora Cidade Cultural, 1996.

MORILLO, Stephen; PAVKOVIC, Michael. *What is Military History?*. Cambridge: Polity Press, 2013.

NICOLLE, David. *The Mongol warlords: Genghis Khan, Kublai Khan, Hulegu, Tamerlane*. London: Firebrand Books, 1990.

DEL REY, Mario. *Armaduras Japonesas: Cultura e história do Japão*. São Paulo: Madras, 2008.

SAKURAI, Célia. *Os Japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007.

SANSOM, George. *A History of Japan to 1334*. Stanford University Press, 1958.

SASAKI, Randall James. *The Origin of the Lost Fleet of the Mongol Empire*. Texas: Texas & A&M University, 2008.

TURNBULL, Stephen. *Ashigaru: 1467-1649*. Oxford: Osprey Publishing Ltd, 2010.

_____. *Campaign: The Mongol Invasions of Japan 1274 and 1281*. Oxford: Osprey Publishing Ltd, 2010.

_____. *Katana: The Samurai Sword*. Oxford: Osprey Publishing Ltd, 2010.

_____. *Mongol Warrior 1200-1350*. Oxford: Osprey Publishing Ltd, 2003.

_____. *Samurai Warfare*. London: Arms and Armour Press, 1996.

YAMASHIRO, José. *Japão: passado e presente*. São Paulo: IBRASA, 1986.